

Uma reflexão sobre o papel de Thomas Müntzer no pensamento marxista

A reflection on the role of Thomas Müntzer in Marxist Thought

João Henrique dos Santos ¹

[santosjh@uol.com.br]

Resumo

A obra “A Guerra dos Camponeses Alemães”, de Friedrich Engels, de 1850, mas somente publicada em 1870, constitui-se em um dos principais referenciais sobre as relações entre religião e política no pensamento marxista. Nesta obra, a análise de Engels sobre a Guerra dos Camponeses, de 1524-1525, destacou o papel do líder maior da rebelião camponesa, o pregador Thomas Müntzer, realçando muito mais o seu papel como líder político do que as questões religiosas que motivaram o início da Guerra dos Camponeses. Este tornou-se um livro fulcral para a teoria política marxista posterior, de um modo especial para aqueles pensadores que se dedicaram a vincular religião e política.

Palavras-Chave: Guerra dos Camponeses; Thomas Müntzer; pensamento político marxista.

Abstract

The book “The German Peasant War”, by Friedrich Engels, written in 1850, but only published in 1870, is one of the major references upon the relationship between politics and religion in the marxist thought. In this book, Engels’ analysis about the Peasants’ War of 15624-1525, emphasised the role of the greatest leader of the peasant rebellion, preacher Thomas Müntzer, outling mostly his role as a political leader than the religious issues which motivated the start of the Peasants’ War. Thus, this book became a masterpiece for the further marxist political theory, specially for those thinkers who dedicated to link religion and politics.

Key words: German Peasants’ War; Thomas Müntzer; Marxist Political Thought.

¹ Doutor em Ciência da Religião (UFJF) e Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História (Uerj).

Thomas Müntzer e a Guerra dos Camponeses (1524-1525)

Em 1524, os camponeses alemães se revoltaram contra os senhores feudais, para os quais eram obrigados a trabalhar. A crise do sistema feudal havia modificado a situação da população rural. Liderada por Thomas Müntzer, um pastor da Saxônia, a revolta camponesa alastrou-se pelos campos e cidades da Alemanha.

Müntzer, em nome dos camponeses da Suábia, redigiu “Doze Artigos”, nos quais estes, lastreados na autoridade instituidora da Escritura, proclamavam que os camponeses nasceram livres e reivindicavam a livre escolha dos líderes espirituais, a abolição da servidão, o fim dos tributos religiosos, a diminuição dos impostos sobre a terra e a liberdade para caçar nas florestas pertencentes à nobreza. *Omnia sunt communia* (“Tudo é de todos”) era a síntese da pregação dos camponeses.

Lutero, que em um primeiro momento acedeu em esclarecer pontos da Escritura aos camponeses, logo condenou o movimento revoltoso, apoiando os príncipes e nobres. Nem mesmo o fato de que entre os rebeldes encontravam-se os que se pretendiam seus seguidores demoveu-o de demandar que fossem mortos. De fato, Lutero condenou duramente os que seguiam sua doutrina, mas quiseram levá-las ao extremo, como Müntzer e Andréas Karlstadt, este um de seus primeiros seguidores.

Müntzer e os anabatistas foram por ele considerados como “tendo conexões satânicas com os papistas” (Gritsch, 2002, p. 41); Karlstadt foi por ele acusado inicialmente de sedicioso e, posteriormente, de herético, que negaria a presença de Cristo na Ceia (Gritsch, 2002, pp. 41-42). Daí seu estímulo a que os “príncipes cristãos” pusessem fim à rebelião camponesa, o que, efetivamente, ocorreu sob a liderança do protestante Felipe de Hesse e do católico Jorge da Saxônia.

Nascido em 1489, Müntzer estudou pelo menos três idiomas na Universidade de Leipzig e, mais tarde, Teologia em Frankfurt do Oder (no leste da Alemanha). A partir de 1514, passou a ter contato com Martinho Lutero que, três anos depois, iniciaria a Reforma.

Como pregador na paróquia de Zwickau, no leste do país, passou a divulgar as teorias da Reforma, porém, acentuando-lhe o radicalismo. Contrariamente a Lutero, Müntzer acreditava que as pessoas simples entendiam muito melhor sua pregação que os nobres e ricos e aos pobres passou a dedicar todo seu trabalho de pastor e pregador.

Sua conclusão de que a Igreja sempre estava ao lado dos ricos e poderosos levou ao conflito com Lutero e seus seguidores, sendo afastado da paróquia em 1521.

Ao lado do estudante Markus Stübner, o pastor Müntzer começou a seguir os passos de Jan Hus, de Praga, declarado herege, condenado e queimado no Concílio de Constança (1414-1418). Usando seu talento de orador, Müntzer tornou-se figura carismática na pregação dessas ideias. Depois que se estabeleceu no pequeno povoado de Allstedt, Müntzer começou a atrair inclusive pessoas de outras localidades, à procura daquele que já era chamado de “o Profeta de Zwickau”.

Sua intenção de falar uma linguagem acessível aos servos representava uma ameaça aos senhores feudais. Seis meses depois da chegada de Müntzer à pequena Allstedt, o conde Ernst von Mansfeld proibiu seus trabalhadores de frequentarem os ofícios religiosos do pastor. Porém, o teólogo e suas idéias ganhavam força. Em 1524, seu movimento secreto “Aliança de Allstedt” contava 30 membros. Poucos meses depois, já eram 500. As idéias eram divulgadas em publicações feitas na gráfica de Müntzer.

Imbuído de forte espírito milenarista, Müntzer advogava que o final dos tempos estava próximo, e que o novo e eterno Reino de Cristo a se instalar sobre a terra promoveria a justiça e a paz entre todos os homens, cabendo a estes as ações para apressar esse advento.

O movimento camponês ganhava força também em outras regiões e atraía não apenas camponeses, mas também pessoas dos estratos mais baixos da população, tanto no meio urbano quanto no meio rural. Os levantes e as inquietações, entretanto, ainda eram localizados, em geral organizados por agricultores e servos dos centros urbanos.

Ainda em 1524, os camponeses do sul da Alemanha se aliaram pelo levante. Müntzer começou a percorrer várias regiões, apoiando a rebelião. Em fevereiro de 1525, a revolta armada havia se espalhado por todo o sul do país e começava a se alastrar para o norte e leste. Os lavradores, porém, não tiveram chances contra os soldados, armados e experientes, aos quais se somaram igualmente tropas mercenárias.

Na batalha de Frankenhausen, em maio de 1525, os camponeses foram cercados e mortos aos milhares. O teólogo acabou preso e, sob tortura, foi obrigado a negar suas teorias. Por fim, o decapitaram e sua cabeça foi pendurada como troféu nos portões de entrada daquela cidade. Os vencidos permaneceram sob o jugo dos senhores

feudais e mantidos na condição de servos, reforçada pelo princípio luterano da passiva submissão à autoridade. Os seguidores de Müntzer passaram a ser conhecidos como “anabatistas”, por defenderem que as pessoas que se convertessem deveriam ser rebatizadas, sendo rejeitado o batismo de crianças e por aspersão.

Um personagem tratado marginalmente pela Historiografia

Uma reflexão se impõe ao se observar o tratamento dado pela Historiografia a Thomas Müntzer: a História é escrita pelos vencedores. Anatematizado tanto pelos católicos quanto pelos luteranos, Müntzer foi retratado desde a sua contemporaneidade como um fanático cuja desastrosa ação na História custou a vida de vários milhares de alemães.

Somente no século XIX, em 1850, Friedrich Engels resgatou a figura do líder anabatista, em sua obra *A Guerra dos Camponeses Alemães*, publicada vinte anos mais tarde. Este livro, um clássico do pensamento político, inaugurou a visão marxista sobre Müntzer, celebrado como um herói do povo alemão e da causa dos oprimidos. Na “Nota Introdutória” à segunda edição do livro, Engels escreveu: “Quem lucrou com a revolução de 1525? *Os príncipes*” (Engels, 1926, p. iv). Ainda que o objetivo maior de Engels tenha sido comparar a Guerra dos Camponeses de 1525 com a Revolução de 1848, o Müntzer que emerge da leitura de suas páginas é o paradigma do heróico e martirizado revolucionário comunista, cujas causa e ideais sobrevivem a ele próprio.

Toda a historiografia marxista seguinte bebeu nessa fonte e, ao tempo em que celebrava Müntzer, estigmatizava Lutero como o “Fürstenprediger”, o “Pregador dos Príncipes”.

No século XIX, no nacionalismo alemão, Lutero foi celebrado como um dos *Pater Pátria*, o que se converteu em mais uma razão para que, para toda uma corrente historiográfica, Müntzer fosse tratado como uma aberração, um desviante radical dos caminhos da Reforma inaugurada por Lutero.

A inauguração da República Democrática Alemã, de inspiração marxista, na órbita da influência soviética, em 7 de outubro de 1949, em cujo território encontravam-se as principais cidades envolvidas no início da Reforma Protestante, intensificou os esforços historiográficos em consolidar a identidade dessa nação como a primeira nação socialista em solo alemão. De modo especial, firmar-se como um contraponto à

República Federal da Alemanha, três vezes maior territorialmente e muitas vezes mais poderosa economicamente, motivou historiadores alemães orientais a celebrar Müntzer, com todo o apoio do governo da RDA.

Este, buscou eternizar Thomas Müntzer através de estátuas (Figura 1), de selos (Figura 2) e, mesmo, da nota de 5 DDR M (5 marcos orientais) (Figura 3), como se vê abaixo:



Figura 1 – Estátua em homenagem a Thomas Müntzer, em Meinstadt

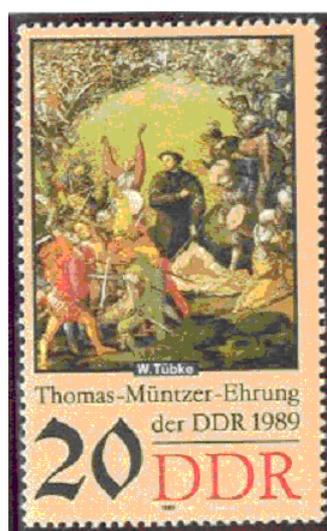


Figura 2 – Selo da RDA em homenagem a Thomas Müntzer (1989, último ano de existência da RDA)



Figura 3 – Cédula de 5 marcos da RDA, mostrando no anverso Thomas Müntzer e no verso uma colheitadeira (1975)

Contudo, foi na educação que se fizeram sentir os maiores efeitos dessa entronização de Müntzer como herói nacional. Os livros didáticos e paradidáticos mostravam-no como o revolucionário exemplar, um comunista *avant la lettre*.

Isso, porém, perdurou somente até 1983, quando se iniciaram os preparativos para a comemoração do ano jubilar do quinto centenário de nascimento de Lutero. Este, nascido em Eisleben, no então território da RDA, passou a ser visto como um dos mais relevantes alemães da História e o governo da RDA decidiu-se por celebrar seu ano jubilar de forma emblemática.

Como, porém, celebrar Lutero e, ao mesmo tempo, celebrar aquele a quem Lutero duramente combateu? Essa proposta antitética foi solucionada através da rejeição de Müntzer ao oblévio. Não combatido nem atacado; simplesmente esquecido. A crise do modelo marxista de governo e, de certo modo, da historiografia marxista, fez com que o papel de Thomas Müntzer na história fosse cada vez mais minimizado.

Stayer afirma que “para aqueles historiadores que tomaram Müntzer como um ancestral distante do Estado Comunista Alemão, foi muitas vezes importante tomar como autêntica sua afirmação ‘omnia sunt communia’, a despeito das circunstâncias em que Müntzer a disse. Foi o ‘programa máximo’ do levante na Turíngia, em

contraposição ao ‘programa mínimo’ usado na prática, através do qual ele conquistou o apoio de pessoas de classes diferentes” (Stayer, 1996, p. 107-108).

Se genuína, essa afirmação remete à passagem dos Atos dos Apóstolos 2:44: “E todos os crentes estavam juntos e tinham todas as coisas em comum” (“Omnes etiam qui credebant, erant partier et habebant omnia communia”). Contudo, não há efetivamente como se apurar a veracidade do uso dessa exortação ao longo de todo o movimento.

Muitos autores convergem para apontar que, para Müntzer, a preocupação com coisas materiais seria o mais evidente sintoma de corrupção do mundo e de uma relação perturbada (e conturbada) entre os homens e Deus. Sua atitude é denominada “pietismo antimaterial”. Mesmo autores não marxistas afirmam que a atitude de Müntzer face à propriedade era indicativa de que, para ele, a propriedade era o produto de uma relação distorcida entre o homem e seus semelhantes, um resultado da queda do pecado original de Adão e Eva. Este mote foi aproveitado inúmeras vezes por historiadores marxistas, para reforçar o “proto-comunismo” de Thomas Müntzer.

Bibliografia consultada

ARNOLD, Matthieu, BÉHAR, Pierre, BOIS, Pierre-André *et al.*. *Luther et la Réforme 1525-1555 - le temps de la consolidation religieuse et politique*. Paris: Ed. Du Temps, 2000.

ARTHUR, Anthony. *The Tailor-King: the rise and fall of the Anabaptist Kingdom of Münster*. New York: Thomas Dune Books, 1999.

ATKINSON, James. *Lutero y el nacimiento del Protestantismo*. Madrid: Alianza, 1993.

BAINTON, Roland H.. *The Reformation of the Sixteenth Century*. Boston: Beacon Press, 1985.

BARNAVI, Elie e ROWLEY, Anthony. *Tuez-les tous! La guerre de religion à travers l'histoire – VII^e – XXI^e siècle*. Paris: Perrin, 2006.

BLICKLE, Peter. *Der Bauernkrieg, Die Revolution des Gemeinen Mannes*. München: C. H. Beck, 1998.

BLOCH, Ernst. *Thomas Müntzer, teólogo de la revolución*. Madrid: A. Machado Libros, 2002.

BOBBIO, Norberto. *Nem com Marx, nem contra Marx*. S. Paulo: EdUNESP, 2004.

- BRECHT, Martin. *Martin Luther – shaping and defining the Reformation 1521-1532*. Minneapolis: Fortress Press, 1994.
- BRINKS, Jan Herman. *Einige Überlegungen zur politischen Instrumentalisierung Martin Luthers durch die deutsche Historiographie im neunzehnten und zwanzigsten Jahrhundert*. *Zeitgeschichte*, 22. Jahrgang, Juli/August, Wien 1995, Heft 7/8, pp. 233-48.
- BUZZI, Franco. *Breve storia del pensiero protestante da Lutero a Pannenberg*. Roma: Ancora, 2007.
- CAHN Jean-Paul e SCHNEILIN, Gérard (coords.). *Luther et la Réforme 1519-1526*. Paris: Ed. Du Temps, 2000.
- CATTEPOEL, Jan. *Thomas Müntzer: Ein Mystiker als Terrorist*. Frankfurt: Peter Lang, 2007.
- CIAPURA, Markus. *Thomas Müntzer und der Bauernkrieg*. Norderstedt: Grin Verlag, 2007.
- COHN, Norman. *The pursuit of the Millennium*. New York: Oxford University Press, 1970, 22nd ed..
- DE BONI, Luis Alberto (org.). *Escritos Seletos de Martinho Lutero, Tomás Müntzer e João Calvino*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DENIFLE, Enrico (Heinrich). *Lutero e Luteranesimo nel loro primo sviluppo esposti secondo le fonti*. Roma: Desclée & C. Editori Pontifici, 1914.
- DIXON, C. Scott (ed.). *Reformation in Germany*. Oxford: Blackwell, 2002.
- DIXON, Charles Scott e SCRIBNER, Robert W.. *The German Reformation*. New York: Palgrave, 2003.
- ELLIGER, Walter. *Thomas Müntzer. Leben und Werk*. München: Vandenhoeck + Ruprecht Gm., 1997.
- ENGELS, Frederick. *The Peasant War in Germany*. Moscou: International Publishers, 1926.
- EVANS, G. R.. *Problems of authority in the Reformation debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- FELLENBERG, Peter. *Thomas Müntzer - Die Fürstenpredigt*. Berlin: DESOTRON Verlagsgesellschaft, 1998.
- FISCHER, Ludwig. *Die lutherischen Pamphlete gegen Thomas Müntzer*. München: DTV Deutscher Taschenbuch, 1982.

- FLIEDNER, Federico. *Martin Lutero, emancipador de la conciencia*. Barcelona: Clie, 1989.
- FORTE, Dieter. *Martin Luther und Thomas Münzer oder Die Einführung der Buchhaltung*. Frankfurt: Fischer, 1981.
- FRIESEN, Abraham. *Thomas Muentzer, a Destroyer of the Godless: The Making of a Sixteenth-Century Religious Revolutionary*. Fresno: University of California Press, 1990.
- GAGNEBIN, Laurent e PICON, Raphaël. *Le protestantisme: La foi insoumise*. Paris: Flammarion, 2005.
- GEBHARDT, Armin. *Thomas Müntzer. Revolution statt Reformation. Eine Studie*. Frankfurt: Tectum-Verlag, 2004.
- GOERTZ, Hans-Jürgen. *Thomas Müntzer. Mystiker - Apokalyptiker – Revolutionär*. München: Beck, 1999.
- GRELL, Ole Peter e SCRIBNER, Bob. *Tolerance and Intolerance In The European Reformation*. New York: Cambridge, 2002.
- GRITSCH, Eric W.. *Thomas Müntzer: A tragedy of errors*. Minneapolis: Augsburg, 2006.
- HAUGHT, James A.. *Perseguições religiosas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- HILL, Christopher. *The world turned upside down*. London: Penguin, 1991.
- KANTZENBACH, Friedrich W.. *Martin Lutero, il riformatore borghese*. Turim: San Paolo, 1984.
- KOLB, Robert. *Martin Luther as Prophet, Teacher, Hero*. Cambridge: Baker Publishing Group, 2000.
- KRUSCHEL, Heinz. *Rebell mit Kreuz und Schwert - Das Leben des Thomas Muentzer*. Berlin: Kinderbuchverlag, 1975.
- LUTERO, Martinho. *Obras selecionadas vol. 6*. S. Leopoldo: Sinodal, 2001.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *On religion*. Mineola: Dover Publications, 2008.
- MATA, Sérgio da. Sacralização da política, politização do sagrado (quando a Igreja se descortina). *Varia Historia*, n. 16, 1996, p. 142-157.
- MÜNTZER, Thomas. *Tratados y Sermones*. Madrid: Editorial Trotta, 2001.
- MÜNTZER, Thomas e EBERT, Klaus (ed.). *Thomas Müntzer. Im Urteil der Geschichte. Von Martin Luther bis Ernst Bloch*. München: Peter Hammer Verlag, 1990.

PORTER, J. M. (ed.). *Luther: Selected political writings*. Eugene: Wipf & Stock Publishers, 2003.

RANDELL, Keith. *Luther and the German Reformation 1517-55*. Michigan: Trans-Atlantic Publications, 2000.

RANKE, Leopold Von. *The History Of The Popes (Their Church And State In The Sixteenth And Seventeenth Centuries)*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2006.

_____. *History Of The Reformation In Germany*. Whitefish: Kessinger Publishing, 2007.

SCRIBNER, Robert W. e PORTER, Roy. *The Reformation in the national context*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

STAYER, James M.. *The German Peasants' War and the Anabaptist Community of Goods*. New Cork: McGilligan Books, 1994.

_____. *Martin Luther, German Saviour*. Oxford: MacGilligan Books, 2000.

STÜDEMANN, Frank. *Radikaler Prediger und städtisches Umfeld - Thomas Müntzer in Zwickau, Prag und Allstedt*. Norderstedt: Grin Verlag, 2002.

VV. AA. *Der Theologe Thomas Müntzer. Untersuchung zu seiner Entwicklung und Lehre*. Frankfurt, s/d.